DAS ROSAS AO FRUTO PROIBIDO:

UMA ANÁLISE CONVERGENTE DAS OBRAS DE VIRGINIA WOOLF E CLARICE LISPECTOR

COSTA, Márcia Gomes. m.marciaalmagemea@yahoo.com.br

SANTOS, Paulo Alexandre. pauloalexandreinterligado@yahoo.com.br

NUNES, Antonia Maria. (Orientadora)

Graduada em Letras Português, Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, Profa do Curso de Letras Português da Universidade Tiradentes - UNIT. nianunes@yahoo.com.br

RESUMO

A idéia central é uma análise convergente das obras *Mrs. Dalloway* (1925) *e A Maçã no Escuro* (1961) de Virginia Woolf e Clarice Lispector. Duas obras contemporâneas que revolucionaram a literatura do século XX. *Mrs. Dalloway* é a obra prima de Virginia Woolf que, no início do século, com um enredo simples, traça os caminhos do novo romance. Através da introspecção e do fluxo de consciência expõe a dualidade do homem e do mundo e a permanente transição do Eu no Outro. Clarice Lispector, com *A Maçã no Escuro*, desenvolve uma narrativa fragmentada e desconstruída, à medida que narra a reinvenção do Ser e da linguagem na reconstrução da identidade de Martim. São romances de sondagem psicológica, trazendo também o Dialogismo e a Polifonia como elementos constitutivos em seus enredos. Assim, o estudo comparativo dessas obras se faz pertinente, pois foram construídos com as mesmas técnicas, têm suas narrativas desenvolvidas a partir do questionamento do Ser e Estar, influenciados pelo existencialismo de Jean-Paul Sartre e marcados pelo individualismo que reina num mundo destruído pelas guerras.

PALAVRAS-CHAVE: Existencialismo, fluxo de consciência, texto fragmentado, introspecção, polifonia.

ABSTRACT

The central idea is a convergent analysis of the works *Mrs. Dalloway* (1925) and the *Apple in the Darkness* (1961) of Virginia Woolf and Clarice Lispector. Two contemporary works that revolutionized the literature of the century XX. *Mrs. Dalloway* is Virgínia Woolf's masterpiece that, in the beginning of the century, with a simple plot, it traces the new ways of the romance. Through the introspection and of the flow of conscience it exposes the man's duality and of the world and the permanent transition of the Me in the Other. Clarice Lispector, with the *Apple in the Darkness*, develops a fragmented narrative and unmaked as she narrates the re-invention of being and of the language in the reconstruction of Martim's identity. They are romances of psychological survey, also bringing Dialogism and the Polyphony as constituent elements in your plots. Like this, the comparative study of those works are made pertinent, because they were make with the same techniques, they have your narratives developed starting from the interrogation of the to Be and to Be, influenced by Jean-Paul Sartre's existentialism and marked by the individualism that reigns in a world destroyed by the wars.

KEYWORDS: Existentialism, flow of conscience, fragmented text, introspection, polyphony.

Uma das formas de pensamento mais radical a respeito das questões que envolvem o ser difundiu-se com o Existencialismo. Esta corrente filosófica analisa o homem de modo particular, individual e concreto. Surgiu em meados do século XIX na Europa, após várias crises políticas, sociais, econômicas e morais. Além disso, passou a ser considerado um estilo de vida e comportamento. Seus principais representantes são: Arthur Schopenhauer, Sorem Kierkegaard, Edmund Husserl, Hegel e Jean-Paul Sartre.

A liberdade é o ponto fundamental da filosofia existencialista e da condição humana. Associada a essa temática encontramos a consciência aguda de abandono e de solidão, angústia, silêncio, medo e a morte explicitada como uma nadificação dos projetos do homem que almeja ser visto de maneira particular pelo outro.

O Existencialismo se apóia metodologicamente na Fenomenologia que fornece os conceitos básicos para a reflexão existencialista. Pode-se dizer que o postulado básico desse método é a intencionalidade, pois é através dela que aquilo que um objeto é se constitui espontaneamente na consciência. Esta é liberdade, algo ativo que dá sentidos as coisas, ou seja, tudo que se passa na sua mente não ocorre no vazio e sim visando a um objeto. Desse modo, o objetivo da fenomenologia é captar a essência das coisas, atingindo a realidade como ela é.

O romance *Mrs. Dalloway*, lançado em 1925, de Virginia Woolf, foi o grande responsável pela amplitude do estilo particular da escritora. A preocupação da mesma estava centrada no realismo psicológico, buscando atingir ao mesmo tempo graus de poesia. Com esse romance a literatura não seria mais a mesma. Virginia provava que era uma das maiores escritoras britânicas do século XX.

O enredo de *Mrs. Dalloway* desenvolve-se em algumas horas de um dia do mês de junho, cuja personagem principal Clarissa Dalloway sai a compra de flores para uma festa e reexamina sua vida. A preparação desse evento, deflagra na personagem diversas situações ligadas ao seu passado, levando-a a indagar-se sobre o verdadeiro sentido da sua existência.

Já em *A Maçã no Escuro*, publicado em 1961, Clarice Lispector nos apresenta a história de Martim, um suposto assassino de sua mulher, que foge para o campo na tentativa de se recriar. Ele passa por inúmeras etapas, formula questionamentos e várias conclusões. Além disso, Martim conhece Ermelinda e Vitória e mantém contato com a natureza, num universo simbólico de angústia e desespero.

As obras Mrs. Dalloway e A Maçã no Escuro integram as produções da literatura moderna. Foram construídas a partir das mesmas características: fluxo de consciência, questões existencialistas, linguagem fragmentada, discursos polifônicos, introspecção e epifania.

Serão consideras também neste artigo as questões herméticas presentes nas duas obras como a metalinguagem, exploração dos limites do significado, conflitos entre a imaginação e a realidade e o percurso das escritoras na essência da palavra, a partir daquilo que escreveram nas entrelinhas. O tema escolhido foi oriundo dos múltiplos aspectos inovadores presentes tanto em Virginia quanto em Clarice. Além disso, pelo caráter enigmático de seus romances, que incita o leitor a mergulhar nas profundezas da introspecção.

A metodologia baseou-se no método comparativo das obras. Por fim, foram desencadeados questionamentos e uma apuração de dados acerca das temáticas circunscritas nas obras virginianas e clariceanas.

Virginia Woolf nasceu no dia 25 de janeiro de 1882. Foi romancista, crítica literária e ensaísta. Defendeu o feminismo e participou dos mais profundos intercâmbios culturais. Era filha do editor e filósofo Leslie Stephen, uma das personalidades mais originais da Inglaterra.

Foi com ele que Virginia conheceu e estudou Platão, Espinoza, Montaigne e Hume. Perdeu sua mãe quando tinha treze anos de idade. Em 1912 casou-se com Leonard Woolf com quem funda em 1917 a Hogarth Press, editora que revelou escritores como: Katherine Mansfield e T. S. Eliot. Apesar de seu casamento ser feliz, a escritora não mantinha relações sexuais com seu marido.

Em 1902, Virginia experimentou uma intensa paixão homossexual por Violeta Dickinson, amiga de sua meia irmã. A autora era esquizofrênica e tinha crises depressivas supostamente desencadeadas por abusos sexuais. Após diversas tentativas de suicídio, Virginia Woolf em 28 de março de 1941 se mata, afogando-se no rio Ouse, localizado na Inglaterra.

Suas obras, inspiradas na escrita de James Joyce, são carregadas de fluxo de consciência, que era a técnica mais empregada pela autora modernista. Entre elas destacamse: Entre os Atos, Passeio do Farol, Noite e Dia, Objetos Sólidos, As Ondas, Orlando, Um Teto todo Seu, Uma Casa Assombrada, A Cortina da Tia Ba, Mrs. Dalloway, Os Anos, Flush-Memórias de um Cão, A Viagem e Kew Gardens: O status intelectual da Mulher.

A maior ousadia da literatura brasileira do século XX foi Clarice Lispector. Sua obra surpreendeu a crítica e até hoje a escritora é alvo de incompreensões. Apesar de ter pertencido ao Pós-Modernismo, nunca houve um lugar específico para Clarice porque ela é considerada uma das maiores escritoras do período, embora tenha passado a largo da prosa, das exposições realistas da vida urbana e do futuro anunciado pelas vanguardas.

Clarice Lispector é rotulada de escritora intimista e psicológica. Mas nunca aceitou o rótulo. A maioria de seus romances e contos têm como protagonistas personagens femininas, sem nome, geralmente urbanas que narram a partir de um universo íntimo e psicológico. O marco inicial da literatura de Clarice é o da experiência pessoal da mulher. Seus temas são literalmente humanos e universais, como as relações entre o eu e o outro, a falsidade das relações humanas, a condição social da mulher, o esvaziamento das relações familiares, o amor e a própria linguagem, porque segundo a escritora a sua liberdade era escrever e a palavra podia ser usada como domínio sobre o mundo. Assim como Virginia Woolf, o principal aspecto inovador da prosa de Clarice Lispector é o fluxo de consciência, ou seja, uma transcendência mais radical do que a introspecção psicológica.

Nasceu em 10 de dezembro de 1925 na Ucrânia, numa aldeia chamada Tchetchelnik, que não figura no mapa, de tão pequena e insignificante. É a terceira filha de Pedro e Marian Lispector os quais a nomearam de Haia Lispector. Aos nove anos perdeu a mãe. Foi com essa idade, também que, tendo assistido a uma apresentação teatral, escreveu uma peça. Tomou contato com as obras de Monteiro Lobato, cuja leitura a deliciava. Intensificou suas leituras, com obras de Júlio Dinis, José de Alencar, Eça de Queiroz, e, principalmente, Dostoiévsky, que lhe causou grande admiração. Em 1943 formou-se em Direito e casou-se com Maury Gurgel Valente, seu colega na faculdade. Seguindo o marido, diplomata de carreira, viveu fora do Brasil por dezesseis anos.

Suas obras dividem-se em romances, novelas, contos e literatura infantil. De todos esses gêneros os destaques ficam para: A Paixão Segundo G.H., Água Viva, Laços de Família e A Hora da Estrela, obras que apresentam características similares com A Maçã no Escuro,

como a introspecção, fluxo de consciência, reflexões existencialistas, fragmentação de episódios, digressão e epifania.

Os estudos sobre o Existencialismo do filósofo Jean-Paul Sartre marcam a escritura de Virginia Woolf e Clarice Lispector. Nenhum outro despertou tanta polêmica e popularidade no início do século XX. Sartre baseou-se na fenomenologia de Husserl e na obra *Ser e Tempo* de Heidegger para explicar a existência humana. Na verdade seu projeto estava voltado para a interpretação total do mundo.

Segundo Sartre, "A existência precede a essência humana". Com isso, ele define que o "homem existe, descobre-se, surge no mundo e depois se define". A essência do homem aparece como algo resultante dos seus atos e através da liberdade ele tenta buscá-la, reinventando-se todos os dias.

A partir da sua principal obra *O Ser e o Nada*, publicada em 1939, Sartre faz uma releitura do Método Fenomenológico de Husserl, apresentando dois aspectos: o *Em-Si* e o *Para-Si*. O primeiro refere-se as coisas materiais e aos objetos, isto é, têm existência em si mesmo, localizando-se fora do sujeito. O segundo está ligado ao sentido que é construído para o mundo em que vivemos e ao valor que damos às coisas. No *Em-Si*, o ser é o que é. Não tem potencialidades nem consciência de si e do mundo. Os objetos se manifestam através de fenômenos. Já o *Para-Si*, é a própria consciência humana, a plenitude do homem. Não tem uma essência definida e a existência se dá por si mesma. Além disso, o *Para-Si* contém o nada porque o homem na visão niilista de Sartre, nadifica as coisas e fundamenta a liberdade a que todo ser humano está condenado.

Sartre também fortaleceu suas posições filosóficas ao liderar dentro do Existencialismo uma corrente ateísta. O mesmo não acreditava na existência de um Deus que determinava o que deveria acontecer com os fins de cada pessoa, porque o homem é livre e é o único responsável por aquilo que faz. Por isso, cada escolha carrega consigo uma responsabilidade que prova mudanças no mundo que não podem ser desfeitas.

Para o autor de *O Ser e o Nada*, a angústia resulta das escolhas do homem e traduz aquilo que somos: consciências indigentes, isto é, gera um sentimento que intensifica a grandeza e a miséria do homem. Isto nos leva a pensar em uma dicotomia entre angústia x medo. Este decorre de algo objetivo e aquela brota do nada, fazendo com que muitas vezes o homem utilize a má-fé tentando se defender contra a angústia e escolhas equivocadas que o afastam da sua liberdade. Por meio dela o ser mascara a verdade para si mesmo. Porém, no existencialismo sartreano, a má-fé não é apenas uma mentira para outras pessoas, é permitir a fuga do homem de sua autodeterminação.

A presença da angústia e da melancolia também são marcantes em *Mrs. Dalloway e A Maçã no Escuro* por meio das personagens Septimus e Martim. Virginia nos apresenta um exguerrilheiro, condenado a eternas alucinações e delírios, incapaz de reorganizar sua memória e de sentir o mundo ao seu redor. Sua angústia é oriunda de medos incontroláveis: o retorno à guerra ou ao sanatório. Septimus se vê forçado a tomar decisões e resolve se matar. Vale ressaltar ainda que Clarissa e Septimus nunca se encontram no enredo de *Mrs. Dalloway*, e que essa também imerge em crises de angústia por sua insegurança e falta de firmeza diante dos fatos ocorridos naquele dia de junho.

Em *A Maçã no Escuro*, Martim está emoldurado na inquietação que o consome e se sobrepõe à identidade pessoal. Verifica-se aí uma dúvida indelével corroendo a personagem acerca da morte da sua esposa: culpado ou inocente? Angustiado, Martim quer inventar uma nova realidade. A partir disso, ele adere ao silêncio, às coisas naturais e principalmente ao escuro, suprimindo lembranças e palavras que denunciem o seu passado. Martim até tenta fabricar uma nova linguagem, não só para isolar-se da sociedade, mas para atingir o grau zero, definido por Clarice Lispector como uma forma de encontrar partes de si mesmo.

A angústia desencadeia um processo de náusea nas personagens dessas autoras. E causa real de ambas é o mundo, a existência. Benedito Nunes (1969, p. 96) considera a náusea, mais intensa do que a angústia, não como uma simples descoberta da existência, de um fato irredutível, absoluto. É também, a descoberta de que esse fato é contingente, totalmente gratuito, reduzindo-se ao Absurdo da Existência, que nenhuma razão, nenhum fundamento pode eliminar. Em sua obra *A Náusea*, Sartre, descreve esse sentimento como um aspecto violento da angústia, que arrebata o corpo, manifestando-se por meio de reações orgânicas. Em *A Maçã no Escuro*, Martim demonstra uma liberdade paralisada, resultante também da crise existencial, que então se manifesta pelo desejo de vomitar, de mal-estar, isto é, a náusea. Esta também ocorre em *Mrs. Dalloway* com as personagens Clarissa Dalloway e Septimus Warren Smith que partilham de um mesmo estado nauseante. Ela por meio de seu passado despertado, repleto de memórias adolescentes e de um casamento sem fulgor. Já o outro, devido ao aspecto enlouquecedor surgido do trauma da guerra. É exatamente desta aparente contradição que aparece nessas personagens, a náusea, uma sensação pior que a angústia da existência.

Sartre ainda afirma que o existencialismo é um humanismo, porque lembra ao homem que não há outro legislador além dele próprio, e que é no abandono que ele decidirá de si. Porque não há outro universo senão o universo humano, o universo da subjetividade humana. E além disso, porque o estimulante de sua existência é a transcendência, ou seja, é fora de si que ele vê um fim, um objetivo, que é libertação.

Outro elemento convergente nas duas obras é a epifania. De acordo com Olga de Sá (2000, p.21), "esse processo de revelação do ser, de visão instantânea do núcleo da existência, é o modo novo de Martim "descortinar" e conhecer. O descortino é, afinal, o procedimento epifânico". Já Clarissa em *Mrs. Dalloway*, desde a preparação da sua festa até o apogeu do evento, adquire consciência da existência e, consciente da sua identidade, assume uma condição humana, e optando por prosseguir seu caminho naquele mesmo estilo de vida. É pertinente também citar que no romance de Clarice, a personagem Martim tenta encontrar a plenitude em largos momentos de silêncio. Ele atinge o equilíbrio quando lhe falta a palavra. Ao se dar conta de quem realmente era, tornou-se um sábio e descobriu que as coisas não tinham similitude com os signos que os representavam.

Virginia Woolf e Clarice Lispector em suas obras *Mrs. Dalloway e A Maçã no Escuro* utilizam-se da narrativa do fluxo de consciência, no qual passado e presente se misturam, confundindo a voz do narrador e da personagem. É um tipo de linguagem corporal, sem a presença do corpo, um turbilhão de pensamentos e sensações, num monólogo interior não pronunciado. Na verdade, constitui-se de um discurso indistinto, marca indelével dos romances modernos e pós-modernos.

Não, agora nunca mais diria, de ninguém neste mundo, que eram isto ou aquilo. Sentia-se muito jovem; e, ao mesmo tempo, indizivelmente velha. Passava como uma navalha através de tudo; e ao mesmo tempo ficava de fora, olhando. Tinha a perpétua sensação, enquanto olhava os carros, de estar fora, longe e sozinha no meio do mar; sempre sentira que era muito, muito perigoso viver, por um só dia que fosse. Não que se julgasse inteligente, ou muito fora do comum. Nem podia saber como tinha atravessado a vida com os poucos dedos de conhecimentos que lhe dera Fräulein Daniels. Não sabia nada; nem línguas, nem história; raramente lia um livro agora, exceto memórias, na cama; mas como a absorvia tudo aquilo, os carros passando; e não diria a Peter, não diria de si mesma: sou isto, sou aquilo (WOOLF, 1925, p. 12).

O homem nada poderia fazer senão esperar que a primeira penumbra lhe revelasse um caminho. Enquanto isso poderia dormir no chão que, distanciado pelas trevas, lhe pareceu inalcançável. Já não mais atiçado pelo perigo, desaparecera a sagacidade que lhe seria agora apenas um entrave. E de novo o embrutecimento suave o dominava. O chão era tão longe que, abandonando o corpo, este por um instante experimentou a queda no vácuo. Mal porém tocara numa terra que aos pés se esquivara, e esta instantaneamente se desencantou em algo resistente, cujas duras rugas estáveis pareciam as do céu da boca de um cavalo. O homem estirou as pernas e encostou a cabeça. Agora que se imobilizara, o ar afiara-se e doía extremamente limpo. O homem não estava com sono mas no escuro não saberia o que fazer da grande vigília. Além do mais não tinha assunto (LISPECTOR, 1961, p. 19).

Essa técnica literária foi introduzida por James Joyce, escritor irlandês, que revolucionou profundamente a literatura do século XX. Uma das características do fluxo de consciência é o monólogo interior de uma ou mais personagens. A narrativa em *Mrs. Dalloway e A Maçã no Escuro* se dá através do fluxo de consciência que interrompe presente e passado, rompendo os limites espaço-temporais. Observa-se assim, o rompimento de uma narrativa totalmente ligada a fatos e acontecimentos. Em seu lugar, surge um discurso interiorizado, centrado no momento de vivência interior da personagem. Nessas obras estudadas, o fluxo de consciência é desencadeado aparentemente de um fato banal como: a preparação da festa de Clarissa Dalloway e a tentativa de Martim em decifrar o significado da maçã no escuro. Com isso, nota-se que o fluxo, é uma técnica que permite a exploração dos aspectos psicológicos das personagens, podendo revelar o mais íntimo do ser.

De acordo com o crítico Alfredo Leme Coelho de Carvalho (1981, p.60), "a técnica do fluxo de consciência não deve ser confundida com a ação praticada por um autor onisciente", que ao fazê-la usa a sua própria linguagem e não o estilo peculiar da personagem. No caso específico dessas autoras, é observado um monólogo interior orientado, dando ao leitor circunstâncias para que ele compreenda que é a consciência das personagens que está sendo mostrada, por meio de seqüências não-lógicas dos pensamentos das mesmas.

Nessa perspectiva não se pode falar em apenas um foco narrativo em *Mrs. Dalloway e A Maçã no Escuro*. Na realidade, o que ocorre nos dois romances, é uma onisciência seletiva múltipla porque nos é apresentada a consciência de mais de uma personagem, havendo entre o ponto de vista dessa e do narrador uma simbiose. Todo esse painel exposto por Virginia e Clarice nos é apresentado através do discurso indireto-livre, ou seja, uma impressão de que narrador e personagem passam a falar de modo uníssono. Aparecem também com freqüência nas duas narrativas um misto dos outros tipos de discurso: direto e indireto. Por meio desses recursos, nota-se perfeitamente que Clarissa e Martim representam a figura de toda a humanidade. São personagens simbólicos representando os desejos e as frustrações de todo ser humano.

Virginia Woolf elege como principais temáticas *de Mrs.Dalloway* o questionamento do ser, o "estar-no-mundo", a pesquisa do ser humano. Ela também retrata a importância da mulher na sociedade, critica os modismos sociais da Inglaterra e mostra uma série de conflitos existenciais em suas personagens. Clarissa Dalloway que prepara uma festa e repensa sua vida, principalmente a sua relação com a filha Elizabeth; Septimus Smith, um traumatizado por causa da primeira guerra mundial, que observa a vida como algo intolerável e Peter Walsh, um homem rejeitado por sua amada que se uniu a Richard, um futuro político.

Clarice Lispector em *A Maçã no Escuro*, além de apresentar também as questões existencialistas, expõe o processo de transformação interna de Martim que busca se refazer, olhando para si mesmo, tentando descobrir sentimentos, emoções, pensamento e corpo, vivenciando uma profunda remodelagem do ser. Essa personagem principal se envolve com Ermelinda, mulher de caráter vulnerável, afastada da amplidão do mundo, procurando a todo instante a causa da sua existência na imagem do fugitivo. Por último, Vitória, dona da fazenda, mulher forte, rude e cheia de desejos reprimidos.

A linguagem é o eixo central na produção das duas autoras, visto que há uma convergência de reflexões principalmente acerca da existência humana. Suas personagens esbarram o tempo todo na problemática da linguagem, pois Virginia e Clarice trabalham com as sensações através da escrita.

O tipo de linguagem observada nos dois romances é classificada como fractual, ou seja, fragmentada. Trata-se de um recorte dos fatos seqüenciais, resultando numa "colagem" daquilo que está sendo narrado. Por conta disso é notória uma estranheza diante de enredos não-lineares, surgidos via memória das personagens, dispostos fora da ordem natural, isto é, não seguem uma cronologia.

Martim e Clarissa desenvolvem o processo da introspecção em busca de si mesmos. A partir disso fica claro também os questionamentos das autoras acerca da criação literária. As indagações sobre o construir literário são associadas ao texto, caracterizando as narrativas em um jogo metalingüístico, no qual o trabalho do escritor passa a ser objeto da própria ficção. Em todos os momentos, Virginia e Clarice estão sendo textualizadas. Na verdade, elas não

estão apenas narrando uma história, e sim vivenciando-a como prática, pois questiona a própria escritura. Assim, o leitor aparece, de forma virtual, como se fizesse parte da história. Por vezes, percebe-se a voz das próprias autoras, deixando-se filtrar nas entrelinhas de seus textos, dialogando com as suas personagens, ou seja, o monólogo interior transcende a introspecção, projetado para o leitor, num processo dicotômico A metalinguagem existente nestas narrativas permite que tal fenômeno aconteça. Além disso, incita que demais personagens também nasçam desse processo metalingüístico.

Dois aspectos essenciais da reflexão do teórico Mikhail Bahktin são encontrados em Mrs. Dalloway e A Maçã no Escuro: o dialogismo e a polifonia, via análise dos romances de Dostoiévski. Em relação ao primeiro, o autor coloca-o como característica essencial da linguagem e condição do sentido do discurso. Nesses romances, Virginia e Clarice estabelecem uma interação verbal entre o eu e o tu, ou entre o eu e o outro, muitas vezes colocando a própria linguagem como centro de suas investigações. Quanto ao segundo aspecto, Bahktin caracteriza como uma multiplicidade de vozes. Estas permeiam o ambiente woolfiano e clariceano por meio da autonomia de cada uma das personagens em condições dúbias e incertas no corpo inteiro do texto. Por isso, Mrs. Dalloway e A Maçã no Escuro são romances polifônicos e dialógicos, porque além das vozes, existe um diálogo entre as duas escritoras através das questões existencialistas, do fluxo de consciência e da própria escrita.

Torna-se inegável a influência dos autores britânicos James Joyce e Virginia Woolf na obra de Clarice Lispector. Porém a escritora inglesa é a sua marca mais forte. Com isso, fica evidenciado o diálogo da intertextualidade que Virginia mantém com Clarice. Através desta, é possível fazer uma releitura de Virginia. Não passa desapercebido nas produções das escritoras outros temas como: a solidão, a liberdade e a fragilidade. Há, entretanto, um elo de

ligação privilegiado dos universos ficcionais. É como se Virginia tivesse passado por uma metamorfose literária e na meta final da sua transformação nos interligasse a Clarice.

Cortando e repartindo, dividindo e subdividindo, os relógios de Hareley Street e um roendo o dia de junho, aconselhavam a submissão, exaltavam a autoridade, e louvavam em coro as supremas vantagens do senso da medida, até que o monte do tempo de tal forma diminuiu, que um relógio comercial, na fachada de uma loja de Oxford Street, anunciou, cordial e fraternalmente, como se fosse um prazer para a Rigley & Lowndes dar a informação grátis, que já era uma e meia (WOOLF, 1925, p.100).

Esta história começa numa noite de março tão escura quanto é a noite que se dorme. O modo como, tranquilo, o tempo decorria era a lua altíssima passando pelo céu. Até que mais profundamente tarde também a lua desapareceu. Nada agora diferenciava o sono de Martim do lento jardim sem lua: quando um homem dormia tão no fundo passava a não ser mais do que aquela árvore de pé ou o pulo do sapo no escuro (LISPECTOR, 1961, p.13).

O tempo na ficção woolfiana e clariceana se apresenta através da memória, do fluxo de consciência e da distorção de acontecimentos passados. Apesar disso, todas as personagens oscilam em momentos atemporais e cronológicos. Em *Mrs. Dalloway e A Maçã no Escuro* pode-se considerar o tempo cronológico e até simbólico. No primeiro tudo se passa em algumas horas do mês de junho de 1923 e no segundo as ações ocorrem provavelmente durante o mês de março. Assim, as escritoras esmiuçaram os instantes. Transcreveram momentos de vida e decifraram os enigmas interiores do ser humano para não serem devoradas por ele. E nesse processo intenso, o "novo" e tudo que o envolve é que foi explorado nas entranhas de suas personagens.

Para muitos, a linguagem utilizada por elas era obscura e hermética. Algo visto até como intocável e indecifrável. Mas ao mesmo tempo em que ousavam revelaram-se em seus escritos, resistiram a todas essas definições e nos apresentaram textos provocativos e desafiadores.

Assim abriram uma nova perspectiva para a ficção literária: a do aprofundamento introspectivo, tendo como ponto de partida a análise da consciência individual do homem. Nas obras das autoras, ele descobre a sua solidão e o seu abandono em meio às coisas. Disto resulta a impressão de que todas as suas personagens se resumem em uma só. E em cada uma delas é a existência, como fator primordial de todos os conflitos, frustrações e anseios que se apresenta e culmina na angústia e na náusea.

Na arte de Virginia Woolf e Clarice Lispector pensamento e sentimento são harmoniosamente combinados. Objetivando este ideal, as suas prosas desmacararam as formalidades da escrita e revelaram a verdade subjacente em cada personagem. Dessa forma, *Mrs. Dalloway* e *A Maçã no Escuro* trouxeram as percepções de uma sensibilidade apurada quer na elegante festa oferecida por Clarissa quer no contato tácito de Martim com a maçã no escuro, capaz de nos tirar da imobilidade frente ao mundo em que vivemos, partindo de nós mesmos, diante da nossa própria escuridão.

Virginia Woolf e Clarice Lispector mergulharam na introspecção, nas potências obscuras, perigosas e arriscadas do inconsciente. Entregaram-se aos poderes e a magia da linguagem, aproximando-se do indizível. Ao contrário de Gustave Flaubert, de *Madame Bovary*, que sempre permaneceu escondido em suas personagens, as autoras se expõem quase sem disfarce, ao lado delas. Por isso, as escritoras estão mais presentes do que ausentes em suas obras.

Nesse contexto, pode-se observar que tanto Woolf quanto Lispector, em suas trajetórias literárias, somaram as questões existencialistas a outros aspectos inovadores na

construção de suas obras. Nestas fica claro o caráter experimental e revelador com o objetivo de atingir novas formas de fazer literatura e observar o mundo. Assim, as escritoras marcaram um estilo de época e contribuíram de maneira definitiva para a ficção modernista.

É quase inegável o fato de *Mrs. Dalloway e A Maça no Escuro* inaugurarem uma nova estética de romance, fixada na crise do próprio indivíduo, em sua consciência e inconsciência. Virginia Woolf e Clarice Lispector transcenderam o simples ato de narrar uma história para detectarem as reflexões existenciais e literárias, que se cruzam nas suas produções. A partir disso, é notável que a escritura de Woolf e Lispector rompeu com os limites dos moldes da literatura modernista, necessitando, portanto, de leitores dispostos a se reconstruírem ao decorrer da narrativa, além de lê-la de forma ilimitada.

Na leitura das duas obras, observou-se em muitos momentos que a prosa de Virginia e Clarice abriu caminhos no fluxo da reflexão verbal e levou o leitor a questionamentos até então nunca revelados, ficando evidente o compromisso entre o homem e a sua realidade. As autoras descortinaram o universo interior de suas personagens, de uma forma que incita o leitor a questionar sua própria existência, a sua relação com o mundo, com o próprio homem e consigo mesmo.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda et MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando:** introdução à filosofia. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993. 395p.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski.** 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. 275p.

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. **Foco narrativo e fluxo da consciência:** questões de teoria literária. São Paulo: Pioneira, 1981. 63p.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia:** história e grandes temas. 15. ed. São Paulo: Saraiva, 2000. 336p.

FIORIN, José Luiz et BARROS, Diana Pessoa. **Dialogismo, polifonia, intertextualidade:** em torno de Bakhtin. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. 81p.

KRISTEVA, Julia. **Sol negro:** depressão e melancolia. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. 231p.

LISPECTOR, Clarice. A maça no escuro. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. 334p.

NUNES, Benedito. O dorso do tigre. São Paulo: Perspectiva, 1969. 278p.

PENHA, João da. **O que é existencialismo?** São Paulo: Brasiliense, 2004. 87p.

SÁ, Olga de. A escritura de Clarice Lispector. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1979. 360p.

SARTRE, Jean-Paul. A náusea. São Paulo: Nova Fronteira, 2006. 220p.

_____. **O ser e o nada**: ensaios de ontologia fenomenológica. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 782p.

WOOLF, Virginia. Mrs. Dalloway. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 187p.